

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

## Peste

Para que as condições, causas e sintomas desta doença pestilenta sejam claras para todos, decidi pô-las por escrito.

Primeiro, vindo do nada, uma espécie de rigidez fria atingia o corpo e sentia-se um formigueiro como se se fosse picado por pontas de setas.

A etapa seguinte era um terrível ataque que assumia a forma de uma pústula sólida e extremamente dura. Nalgumas pessoas desenvolvia-se nas axilas, noutras nas virilhas. À medida que crescia, o seu ardor escaldante fazia os doentes cair de uma febre pútrida com grandes dores de cabeça.

À medida que se piorava podia causar diferentes efeitos: nuns casos dava-se lugar a um cheiro insuportável. Noutros casos as vítimas começavam a vomitar sangue.

Alguns morriam no mesmo dia em que a doença se apoderava deles, outros no dia seguinte e a grande maioria morria entre o terceiro e o quinto dia.

Muitos tombavam mortos em plena rua, tanto de dia como de noite. Outros, ainda em maior número, morriam em suas casas e atraíam a atenção dos vizinhos mais pelo cheiro dos seus corpos putrefactos do que por outra razão. E somando estes com os outros, que morriam por toda a cidade, havia cadáveres por toda a parte.

Os nossos familiares e amigos vieram de todas as partes para nos visitar.

Malditos sejamos porque lhes atirámos com os dardos da morte. Quanto mais lhes falávamos mais eles nos abraçavam e beijavam e nós espalhávamos o veneno dos nossos lábios. Ao regressarem a suas casas eles próprios infectavam as suas famílias e em três dias sucumbiam e eram enterrados numa vala comum.

Em muitos locais o ar estava mais infecto e mortal do que comida envenenada, devido à decomposição dos corpos e por não haver ninguém vivo que os enterrasse.

Os doentes são tratados pelos seus familiares como cães o seriam; a comida é posta perto da cama para que eles a comam e bebam, e aqueles que ainda têm saúde abandonam a casa. Quando um homem morre, uns homens rudes vão à casa e, depois de receberem uma grande recompensa, levam o corpo para a sepultura. Há muitos que, tendo sido apanhados pela doença e sendo dados como condenados à morte sem qualquer esperança de recuperação, são logo levados para a vala e enterrados. Deste modo muitos foram enterrados vivos.

A pestilência que nos tem perseguido, e que se espalhou por toda a parte, deixou muitas igrejas paroquiais e outros locais das nossas dioceses sem clérigos nem padres para cuidar dos seus paroquianos. Sabemos que muita gente tem morrido sem os últimos sacramentos. Por isso, todos os homens, principalmente os que agora estão doentes ou venham a ficar no futuro, que na hora da sua morte não conseguirem arranjar os serviços de um padre, devem confessar-se uns aos outros.

Em todo o lado há mágoa, em todo o lado há medo.

Alguma vez o futuro acreditará que estas coisas aconteceram, se nós mesmos, que as vimos, não conseguimos acreditar? Julgaríamos que era um sonho se não o víssemos com os nossos olhos, quando vamos dar uma volta, vemos a cidade enlutada com funerais, e ao voltar a casa a encontramos vazia. E compreendemos assim que a nossa dor é real. Oh, gente feliz do futuro que não conhecerá estas misérias e confundirá o nosso testemunho com as fábulas!

Onde estão agora os nossos queridos amigos? Onde estão as suas afectuosas palavras? Onde estão as suas conversas doces e gentis? Éramos muitos; agora estamos quase sozinhos. Podíamos fazer novos amigos – mas como; quando a raça humana foi quase apagada, quando me parece que o mundo está prestes a chegar ao fim?

Que os grandes e humildes, através do nosso exemplo, vejam a que estado serão inexoravelmente reduzidos, qualquer que seja a sua condição, idade ou sexo. Então

porque estamos nós, seres miseráveis, inchados de orgulho? Somos pó e ao pó voltaremos, cadáveres putrefactos, pasto de vermes...

E eu descrevi estes acontecimentos impressionantes do que se passou no meu tempo. E receando que sejam esquecidos e se desvaneçam da memória das gerações vindouras, eu, entre os mortos, esperando que a morte chegue, escrevi tudo quanto escutei e verifiquei. E para que os escritos não desapareçam com o escriba e o trabalho falhe assim o seu propósito, adicionei pergaminho para ,acaso haja alguém para o ler no futuro, algum filho de Adão que sobreviva à pestilência continue o trabalho por mim começado.